

BOLETIM ALERTA

Articulação campo-cidade de movimentos sociais do sul da Bahia

Nº 01 - Agosto de 2006

ALERTA: NÃO ACEITE O DESERTO VERDE DE EUCALIPTOS

As monoculturas de eucalipto em grandes latifúndios formam verdadeiros desertos verdes, onde só sobrevive o lucro das multinacionais do papel.

De acordo com pesquisas científicas, a monocultura do eucalipto consome tanta água que pode afetar significativamente os recursos hídricos da região onde se implanta. No norte do Espírito Santo já secaram mais de 130 riachos depois que o eucalipto foi introduzido naquele estado. No norte do Espírito Santo, após seis meses de análises junto aos Rios Sahy, Guaxindiba e Doce, próximos às Terras Indígenas Tupiniquins e Guaranis, concluiu que as plantações de eucalipto da Aracruz na região consomem por dia a mesma quantidade de água que uma cidade de 2,5 milhões de habitantes. E a Aracruz dispõe desta água de graça enquanto secam fontes, riachos, poços e lençóis subterrâneos.

A indústria de celulose chegou ao Espírito Santo na década de 1960, quando se iniciou um rápido processo de devastação da Mata Atlântica, invasão de áreas indígenas expulsando índios Tupiniquins e Guaranis de 40 aldeias, além de roubar e expulsar cerca de 10 mil famílias quilombolas.

No norte de Minas Gerais, as monoculturas do eucalipto e pinus chegaram no final dos anos 70. Primeiro trouxeram muita euforia, que aos poucos foi desaparecendo em função da devastação da rica biodiversidade do cerrado, da quebra das economias locais, concentração das terras, e expulsão de camponeses, cada vez mais encurralados e isoladas nas grotas ou obrigados a migrar para as periferias das cidades. Os rios e lençóis subterrâneos da região perderam água em grande quantidade.

No Uruguai, país vizinho ao sul do Brasil, já são mais de um milhão de hectares plantados com Eucaliptos. Isso alterou totalmente o clima em toda a região. O sistema seco que se produziu aí diminui as chuvas e até na região sul do Rio Grande do Sul, aumentaram as estiagens por causa do desequilíbrio ambiental provocado em toda a região do pampa. Nestes últimos anos (2004/2005/2006) de estiagens na região sul, os prejuízos foram enormes e muitas cidades, como Bagé, tiveram que racionar água para a população urbana.

O custo ambiental é incalculável. O solo também se esgota rapidamente. Depois de duas colheitas de eucalipto, esta terra está imprestável para qualquer produção e levará anos para ser recuperada. O custo só para destocar um hectare de toco de eucalipto depois que se encerra o ciclo de produção custa em torno de R\$ 6.000,00. Mas multinacionais papeleiras irão adiante oferecer milagres para outras regiões. E quem pagará este custo da destruição que deixam para trás? Os lucros vão, o deserto fica.

Deserto verde é crime ambiental, destruição da fertilidade do solo, injustiça social, concentração de terra, êxodo rural e destruição de comunidades camponesas. É crime contra o povo brasileiro, contra a soberania nacional.

Mas aos poucos começa a resistência do povo do Espírito Santo, Bahia e Minas Gerais contra os Desertos Verdes. A mobilização social na região vem crescendo e já obteve vitórias significativas. Atualmente já são mais de cem organizações integrantes do Movimento Rede Alerta contra o Deserto Verde, como é denominada a monocultura do eucalipto. Uma importante vitória foi impedir que a Aracruz obtivesse o selo do Conselho de Manejo Florestal (FSC), com comunidades vizinhas recusando dar o apoio que a multinacional precisava.

No momento que o deserto verde tenta avançar sobre as regiões Sul e Sudoeste da Bahia, nós Movimentos Sociais de trabalhadores rurais e urbanos nos posicionamos, claramente, contra mais esse projeto de exclusão que trará como conseqüências:

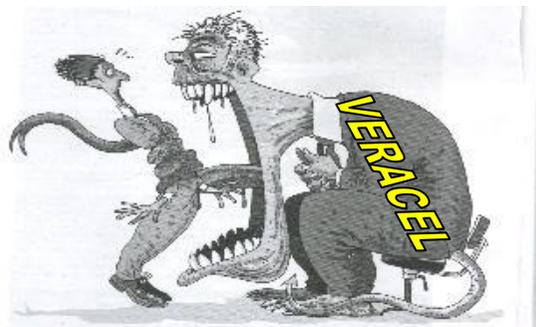
- aumentar a expulsão dos camponeses de suas terras;
- ocupar terras que poderiam ser destinadas à Reforma Agrária;
- aumentar o desemprego e a violência urbana;
- ampliar a concentração da propriedade da terra em poucas mãos;
- reduzir a riqueza da vida animal e florestal;
- secar nascentes e reduzir os mananciais dos rios e lagos, e lençóis freáticos;
- ameaçar os territórios indígenas, quilombolas, e os assentamentos.

Diante disso convocamos toda população regional a não se deixar enganar pela euforia e a falsa idéia de geração de emprego e desenvolvimento, porque, na verdade, em todo lugar onde se implantou o eucalipto comercialmente se presencia destruição e miséria, e claro, muito lucro para as multinacionais que o bancam. Porque eles não plantam nos seus próprios países? A resposta é clara, porque eles não querem estragar seus solos, nem poluir seu ar, nem secar seus rios e muito menos agredirem seus habitantes. Preferem fazer isto no Brasil, porque é mais fácil, barato e a produção é bem maior. É a continuidade da política colonial de mais de 500 anos, Hoje eles não chegam mais de "caravelas", mas trazem ainda suas imposições e escravizam e expulsam índios e quilombolas de suas terras. Que o diga a toda poderosa Aracruz ou Veracel.

Chega de imposição, de escravidão, de morte. Queremos imediatamente a demarcação das Terras Indígenas e Quilombolas. Reivindicamos Reforma Agrária urgente e a democratização da Terra. Queremos a reconversão do plantio de eucalipto em áreas agricultáveis, visando garantir a segurança alimentar do povo, a proteção dos recursos hídricos e o respeito a diversidade étnica. Vamos intensificar as críticas ao plantio comercial de eucalipto, com a mobilização das comunidades envolvidas preparando o embate a este modelo excludente de desenvolvimento.

Repudiamos o posicionamento do Governo Lula, e em especial, da Ministra Marina Silva em favor do setor industrial de base florestal e exigimos que o MDA não aplique recursos públicos do PRONAF para o plantio de eucalipto em nossa região.

**DIGA SIM A VIDA E
NÃO A MONOCULTURA DO EUCALIPTO!**



MST- Regional Sul, CPT/Itabuna, CIMI/Itabuna, FASE/Bahia, CETA, CEAS, MPA, Juventude Camponesa, MNU, Povos Indígenas Tupinambá de Olivença, Pataxó Hã-Hã-Hãe, Escola Agrícola Margarida Alves/Ilhéus, STR Santa Luzia, ARES/ Camacan, Pastorais Sociais da Diocese de Itabuna.